

ESTÁ A NASCER UM NOVO PARQUE EM LISBOA **PARQUE RIBEIRINHO ORIENTE, O PARQUE E A CIDADE**

Lisboa é Tejo e o Tejo é de Lisboa.

Lisboa acolhe neste início de 2020 o novo Parque Ribeirinho Oriente, a inaugurar já este mês. O parque, na margem do Tejo, parte dos armazéns da Doca do Poço do Bispo e estende-se para norte ao longo de 600 metros de frente de rio, ocupando perto de 4 hectares. Nos próximos anos prevê-se o seu prolongamento até ao molhe da Marina do Parque das Nações, dando corpo a um extenso parque linear com mais de 8 hectares e quase 1,5km de frente de rio. Da autoria do atelier F|C - Arquitectura Paisagista, de Filipa Cardoso de Menezes e Catarina Assis Pacheco, a elaboração do projeto conta com uma equipa multidisciplinar alargada que integra, entre outras valências, especialistas em geobotânica e artistas plásticos.

Desenhado à escala da cidade, o novo parque vem oferecer à capital um vasto espaço verde à beira-rio, projetado para ser agregador e convidativo, acessível, polivalente e no futuro maioritariamente auto-sustentável, procurando regenerar um território notável da cidade e torná-lo mais acessível aos seus habitantes. O parque enquadra-se na estratégia da CML para 2020, "Biodiversidade na cidade de Lisboa", e afirma-se como elemento determinante no contexto da Capital Verde Europeia que Lisboa assume em 2020.

Concebido na simbiose entre rio e malha urbana, o projeto da F|C pretende colocar em evidência o potencial dos espaços verdes ribeirinhos e os valores biológicos significativos que ali se encontram e se podem desenvolver.

Numa área com carência de espaços verdes e numa frente ribeirinha até então expectante, o Parque Ribeirinho Oriente destaca-se pelo seu papel na promoção e preservação da biodiversidade na cidade, mas também por ser exceção numa cidade em que a maior parte dos espaços verdes ribeirinhos são interrompidos pela linha do comboio. Livre dessa limitação, o acesso ao parque é múltiplo e versátil, podendo entrar-se e sair-se por vários caminhos de ligação à malha urbana envolvente e ao rio. Além disto, estreita-se também a proximidade entre o centro da cidade e o Parque das Nações, contribuindo para a revitalização de toda esta área oriental da cidade.

A construção do parque divide-se em duas fases, cada uma com uma dimensão aproximada de 4 hectares. A fase I, que agora inaugura, compreende a área sul, em frente ao Loteamento dos Jardins de Braço de Prata e ao edifício Tabaqueira e no futuro, a fase II estender-se-á para norte, em toda a frente do Loteamento da Matinha. Se a fase I inclui um núcleo de recreio ativo e amplas zonas de estadia e contemplação, na fase II prevê-se a integração de uma extensa área desportiva informal, um núcleo de armazéns revitalizados e uma última área essencialmente lúdica e contemplativa centrada num anfiteatro natural, que se fundirá a montante com o futuro Parque Interior da Matinha, e num sistema de bancadas panorâmicas.

Ao lugar, é a plenitude do rio que lhe confere a essência e a unidade. A memória e a preservação de um passado portuário fundem-se com o futuro próximo cosmopolita que o parque propõe, através do desencadear de uma relação profícua entre o rio, a cidade e os lisboetas. Assim, a memória do lugar (e dos usos desse lugar) é um elemento determinante para a compreensão do novo parque público. Cores, texturas e materiais, bem como a atividade piscatória, são elementos que fazem parte da identidade pré-existente a integrar e potenciar naquele lugar.

O desenho do parque tece-se a partir da reinterpretação das linhas, dos fluxos e das potencialidades descritas e estrutura-se a partir de um grande corpo verde longitudinal parcelado e criteriosamente modelado, de forma a potenciar uma utilização multifuncional e a induzir a proteção relativamente aos ventos dominantes. Os circuitos do parque resultam pois das francas relações que se quis estabelecer com a envolvente e da interação destas com esse corpo verde primordial, gerando percursos que ora o acompanham longitudinalmente, ora o cruzam transversalmente, criando alargamentos e praças intercalares. Imprimindo um ritmo variável à vivência do parque, alternam-se momentos de ação com outros de descanso e contemplação. O suceder de vários ambientes, sejam aqueles dotados de algum tipo de equipamento ou mais simples e despojados, visa proporcionar experiências sensório-motoras muito diversificadas, associadas a um entendimento global do espaço e do território onde este se insere.

Em termos de mobilidade, o parque foi desenhado de forma a poder ser trilhado em todas as direções e a incentivar a prática de atividades motoras, sendo possível percorrer-se todo o espaço a pé, marchando ou correndo. Versátil, o parque abre-se aos mais diversos tipos de público, desde o utilizador mais informal ao mais sério praticante desportivo. Elegeu-se ainda um canal preferencial para pista de lazer, desenhado sobre o traçado da antiga via-férrea, ao longo do qual surgem elementos escultóricos participativos. As cinco esculturas, concebidas especificamente para o lugar, são formas geométricas cujas bases representam as sombras projetadas a um momento do dia, servindo igualmente de relógio solar. Pintadas de tinta fotoluminescente, podem também ser vistas de noite. Como momentos de paragem ao longo da pista, estes elementos foram pensados para estimular e inquietar a curiosidade, interpelando os utilizadores da pista (originando relações entre os corpos e as formas erguidas). Este percurso atravessa os vários momentos do parque – espaços abertos e fechados, luz e sombra – amplificando a natureza da experiência.

É também neste contexto que se implanta o núcleo de recreio infantil do parque, tendo sido escolhida uma estrutura de trepar com múltiplos prumos de madeira e rede de cabos de aço, criteriosamente adaptada a este espaço e evocativa dos mastros dos barcos e das redes de pesca que desde tempos imemoriais varrem as águas do estuário.

Em termos de conforto, salienta-se a modelação do terreno no sentido da criação de clareiras de relva protegidas do vento e da cidade pela orla arbórea-arbustiva que as envolve; e o passeio ribeirinho, que se estende ao longo de todo o *perret* marginal e cujo percurso é pavimentado com cubos de granito e betão desativado, materiais que contribuem para um percurso confortável e acessível.

Tendo em conta a preservação do lodaçal que constitui um ecótopo integrado nos habitats da Rede Natura 2000 e atentando ao potencial que toda a área do parque constitui por si enquanto eixo estruturante, afigurou-se primordial promover o aumento da biodiversidade do local. Neste sentido, a estratégia de plantação seguiu a premissa de recuperar os habitats potenciais das margens do Tejo, entretanto modificados por ação da intervenção humana ao longo dos tempos. Para tal, todas as espécies autóctones escolhidas foram produzidas em Lisboa especialmente para o

Parque Ribeirinho Oriente, com a perspectiva de que no futuro próximo as necessidades de manutenção sejam mínimas. Isto é, ao dar as condições adequadas para que a vegetação potencial cresça de forma saudável, é possível que passado o período de instalação a vegetação sub-arbustiva, arbustiva e arbórea esteja adaptada e por isso se torne tendencialmente auto-sustentável.

De entre os vários tipos de vegetação existente ao longo do parque, será possível reconhecer árvores como o pinheiro manso, o freixo, a oliveira brava ou o sobreiro; e arbustos como o medronheiro, a pascoinha, o alecrim, o tomilho, a murta ou a aroeira, entre outras espécies. Saliente-se que todos estes habitats promovem a redução de CO2 e a eliminação-reciclagem de resíduos, sendo essenciais para a regulação climática, do ciclo da água e do ciclo de nutrientes, funcionando também como refúgios de biodiversidade, tanto de espécies faunísticas, como de espécies florísticas. A estrutura verde preservada e gerada no parque contribui igualmente para o incremento da informação estética da paisagem, visando a sensibilização das populações para a sua importância.

A lógica formal dos apoios do parque remete mais uma vez para a memória do lugar, com a conversão de contentores marítimos em duas cafetarias, um espaço para aluguer de bicicletas, instalações sanitárias públicas, um módulo de biblioteca e um apoio de manutenção do parque.

Relativamente ao mobiliário urbano, foram desenhados e fabricados localmente bancos de madeira simples e com costas, espreguiçadeiras instaladas à beira-rio e bancos modulados curvos em betão armado que em conjunto formam núcleos de estadia circulares. Previu-se também a instalação no solo, junto ao *perret*, de negativos para suporte de canas de pesca, de maneira a garantir a continuidade das atividades piscatórias de carácter lúdico que sempre ali se realizaram.

Os elementos gráficos contam histórias sobre o rio, o seu percurso e os seus habitantes, numa sequência que se vai desvendando nos vários suportes em presença (pavimento, mobiliário urbano, equipamentos e apoios de parque). São de destacar as gravações ou impressões de sombras de bandos de aves como a garça-real, a cegonha e o pato-real no pavimento, atentando à avifauna local de forma artística e acessível; e a inscrição, nos contentores de apoio e em alguns bancos, de coordenadas de localidades que acompanham o rio Tejo desde a sua nascente até à foz.

Muito para lá de um parque, funda-se assim um sistema vivo e evolutivo que potencia essa simbiose sobre um desenho de paisagem versátil e indutor, gerando uma vivência única na cidade. Aqui, o rio entranha-se na cidade e esta funde-se nele, permitindo um usufruto pleno e facetado.

Lisboa, Janeiro de 2020

F|C Arquitectura Paisagista

[www.fc-ap.com]



arquitectura paisagista

FICHA TÉCNICA

Arquitectura Paisagista / Coordenação Geral:

F|C Arquitectura Paisagista
Filipa Cardoso de Menezes
Catarina Assis Pacheco

Colaboração:

Rita Rodrigues
Lisa Câmara Santos
Rodrigo Coutinho Seixas
Guilherme Bívar
Luís Santos

Aterros / Estruturas:

Consulmar
Betar

Infraestruturas:

Campo de Água – Águas e Esgotos
Natural Works – Rede Eléctrica

Geobotânica:

Tiago Monteiro Henriques

Arte Pública:

Natalia de Mello (elementos escultóricos participativos)
Bárbara Assis Pacheco (gravações no pavimento)

Design Gráfico:

Studio AHHA

Contentores/Apoios de parque:

Bak Gordon Arquitectos

